

Esqueçamos Proust e o sabor evocativo do chá com bolinhos. O autor crismou o próprio livro na freqüente lembrança e citação do seu romance-rio. Valha-nos a nossa tradição literária que nos transporta dos rumos do mato dentro às vias da grande Hispânia. Quem mais queira saber e aprender, leia o Nobiliário do nosso Conde de Barcelos, D. Pedro Nava, *Bau de ossos*.

A guisa de convite à leitura, visitemos com o autor a Etrúria nacional, o "círculo mágico onde se fala a língua do uai." "Língua que se escreve exatamente como o português e que se pratica com as mesmas palavras usadas no resto do Brasil — mas comportando inflexões, cadências, jeitos de frase, uns sincopados, uns sustentidos e uns estacados que nos permitem conversar diante dos demais brasileiros e até dos mineiros extremos do Norte, do Triângulo, do Sul e da Mata, num código, numa cifra, numa criptofonia — cujo sentido só

é percebido pelos iniciados do Curral, do Sabará, de Nova Lima, Caeté, Santa Luzia, Itabira, Cocais, Santa Bárbara, Mariana, Ouro Preto, Congonhas do Campo. Terras pesadas de espantos e metais. Noruegas cheias de avencas e assombrações. Montanhas inteiras de ferro. Valados socavões atulhados de ouro. Ouro de todo jeito. Preto, branco, fino, podre . . . Solo imantado, metálico, pulverulento, pegajoso que segurou firmemente o pé errante dos paulistas, desmanchou-lhes a prosápia, triturou-os no sofrimento, na fome, no crime, na pestilência, na cobiça, no medo, no pagode, no homizão. Ficaram na terra e foram — fomos! — ficando mineiros." (p. 103-104).

Comovida e abençoada mineirice! Que venha o segundo volume. "Poeticamente, convém recordar, a genealogia é oportunidade de exploração no tempo" (p. 186). E o tempo se abre, atrás de nós, imenso.

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ

CAROL CHOMSKY, *The Acquisition of Syntax in Children From 5 to 10*. The Massachussets Institute of Technology. 1969.

Trata-se do trabalho de doutoramento, sob a supervisão de Jakobson, da esposa de Noam

Chomsky, posteriormente revisito e ampliado para publicação.

A tese da autora é que, ao contrário do que se acredita, a criança de cinco anos não dominou ainda a estrutura sintática de sua língua. Esse domínio só se aproxima do adulto na idade aproximada de dez anos, embora, após os cinco anos, o processo de aquisição

de estruturas sintáticas tenha diminuído sensivelmente.

Para provar sua tese, a autora escolheu quatro tipos de estruturas, nas quais diferentes razões levam a complexidade sintática e consequente interpretação errônea por parte de crianças.

As estruturas cuja compreensão foi testada entre crianças de cinco a dez anos são as exemplificadas abaixo.

1 — *John is easy to see.* (John é fácil de ver.)

John is eager to see. (John está ansioso por ver.)

No original inglês, as duas frases parecem, à primeira vista, ter estruturas idênticas: locução nominal + BE + adjetivo + infinitivo. Entretanto, na primeira frase, *John* é o objeto do infinitivo *see*: John é facilmente visto por outros. Na segunda, *John* é o sujeito de *see*: John é quem vai ver os outros, e está ansioso por isso.

2 — *John promised Bill to leave* (John prometeu a Bill partir).

Nesse tipo de construção, a primeira locução nominal, *John*, é o sujeito do infinitivo *leave*: John é que vai partir, e prometeu isso a Bill. A ocorrência da primeira locução nominal como sujeito do infinitivo não se daria se outro verbo, que não *promise*, fosse usado.

Em *John told Bill to leave*, por exemplo, a segunda locução nominal (Bill) é o su-

jeito de *leave*: *Bill* é quem vai partir, por ordem de John. O verbo *promise* é, pois, uma exceção. Viola o que Rosenbaum chama o *princípio da menor distância*: o sujeito implícito de um verbo que complementa outro é, de modo geral, a locução nominal mais próxima. A violação desse princípio pelo verbo *promise* é que traz às crianças dificuldades de interpretação da estrutura sintática.

3 — O terceiro tipo de dificuldade focalizado é a causada pelo conflito entre duas estruturas diferentes, associadas com um mesmo verbo. Carol Chomsky toma como exemplo o verbo *ask*, que tem construções diferentes, conforme signifique *pedir* ou *perguntar*. Exemplo: *John asked Bill to leave* (John pediu a Bill que partisse) e *John asked Bill what to do* (John perguntou a Bill o que fazer).

4 — Finalmente, a autora estuda certos tipos de restrições gramaticais que só se verificam em determinadas circunstâncias. Especificamente, analisa um problema de pronominalização. Trata de frases onde um pronome pessoal, antes de outra locução nominal, encontrada dentro do mesmo período, refere-se a pessoa diferente da indicada pela locução nominal. Isso ocorre quando o pronome está localizado na oração principal. *He knew that John was going to*

win the race. (Ele sabia que John ia ganhar a corrida). *He* e *John* indicam, aqui, pessoas diferentes. Pelo contrário, quando presente em cláusula subordinada, o pronome pode referir-se à locução nominal da principal. Exemplo: *John knew that he was going to win the race* (John sabia que ele ia ganhar a corrida). Nesse período, *he* e *John* referem-se à mesma pessoa.

* * *

Para testar a interpretação sintática das estruturas escolhidas, a autora empregou técnicas adequadas à idade das crianças, tais como uso de brinquedos, jogos e gravuras. Por exemplo, para verificar se, na frase *The doll is easy to see* (A boneca é fácil de ver), a criança interpreta *doll* corretamente, como objeto e não sujeito do infinitivo, Carol Chomsky apresentou a cada criança uma boneca de olhos vendados, perguntando, a seguir, se a boneca era fácil ou difícil de ver. Muitas crianças optaram pela segunda alternativa, mostrando, assim, que entendiam *doll* erroneamente, como sujeito e não objeto do infinitivo: a boneca teria difi-

culdade em ver, em vez de ser difícil de ser vista.

Após a descrição e resultado de todos os testes, bem como de um gráfico mostrando a relação entre o resultado e a idade de cada criança, a autora conclui que, de fato, mesmo após os cinco anos, as crianças não adquiriram, ainda, o domínio de estruturas sintáticas que apresentam problemas específicos, como os indicados nas orações acima. Entretanto, a aquisição dessas estruturas não se dá na mesma época para todas as crianças. O resultado dos testes varia mais de acordo com o ritmo individual de desenvolvimento global do que com a idade. Apenas os problemas ligados à pronominalização apresentam uma correlação constante com a idade de cada criança: antes dos cinco anos e meio há, invariavelmente, fracasso na compreensão das estruturas. Após essa idade, a interpretação correta é a regra. Há alto grau de correlação entre as outras estruturas: a criança que compreende corretamente uma delas, tende a fazer o mesmo com todas as demais.

SOLANGE RIBEIRO DE OLIVEIRA

ALAIN BOSQUET, *L'amour à deux têtes*, Paris, Grasset, 1970, 206 pp.

Excelente poeta, crítico de nomeada, especialmente dedi-

cado ao estudo da poesia americana, Alain Bosquet é também romancista. Em *L'amour à deux têtes*, seu oitavo livro de ficção, literatura e vida marcam encontro. Suas persona-